

Desafios ao Plano do Futebol Chinês: uma análise sobre as naturalizações de futebolistas

Challenges to the Chinese Football Plan: an analysis of the naturalization of footballers

Emanuel Leite Júnior

Universidade de Aveiro
emanuel.leite.junior@ua.pt
ORCID: 0000-0002-1512-0019

Carlos Rodrigues

Universidade de Aveiro
cjose@ua.pt
ORCID: 0000-0001-6403-6959

RESUMO

Desde 2014, a China estabeleceu o objetivo de desenvolver sua indústria desportiva. A meta é fazer com que o setor represente 5% do PIB chinês até 2035. Por isso, em 2016, o desenvolvimento do futebol foi identificado como a força motriz do avanço de toda a indústria desportiva chinesa, como se verifica no “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016-2050年]) (中国足球中长期发展规划 [2016—2050年]). Há, entretanto, desafios que a China precisa de superar para lograr êxito neste plano. É isso se viu na recente naturalização de futebolistas visando à qualificação ao Mundial do Catar 2022. Este artigo busca responder à seguinte questão: o recurso a jogadores naturalizados afeta o Plano de Futebol, nomeadamente o objetivo de desenvolver jovens talentos chineses de forma a construir uma seleção nacional forte?

PALAVRAS-CHAVE

China, futebol, desenvolvimento, indústria desportiva, Campeonato do Mundo, naturalização.

ABSTRACT

Since 2014, China has set the goal of developing its sports industry. The aim is to make the sector represent 5% of Chinese GDP by 2035. That is why, in 2016, the development of football was identified as the driving force behind the progress of the entire Chinese sports industry, as shown in the “China’s medium and long-term football development plan (2016-2050)” – (中国足球中长期发展规划 2016—2050年). There are, however, challenges that China needs to overcome in order for this plan to succeed. And this was seen in the recent naturalization of footballers aiming to qualify for the World Cup in Qatar 2022. This article seeks to answer the following question. Does resorting to foreign footballers affect the Football Plan, in particular the goal of developing young Chinese talent in order to build a strong national team?

KEYWORDS

China, football, development, sports industry, World Cup, naturalization.

Introdução

Em outubro de 2014, o Conselho de Estado da China publicou o documento “Opiniões para a aceleração do desenvolvimento da indústria desportiva e promover o consumo desportivo” (国务院关于加快发展体育产业促进体育消费的若干意见). Esta estratégia é considerada como o marco para a descolagem da indústria desportiva chinesa (Liu, 2017) e estipula que em 2025 este setor gere uma faturação que ronde os US\$ 813 mil milhões (Nielsen Sports, 2016) – a título comparativo, de acordo com estimativa da Plunkett Research, a indústria desportiva mundial movimentou cerca de US\$ 1,3 milhão de milhões em 2015, US\$ 519,9 mil milhões apenas nos Estados Unidos (Plunkett Research, 2018). O país pretende ter uma das nações com maiores economias desportivas do mundo. Projeta-se que a indústria do desporto se torne um dos principais setores de toda a atividade industrial e da economia nacional até 2035, quando se espera que represente cerca de 5% do Produto Interno Bruto (PIB) chinês. Em 2014, ano da publicação do referido documento, a indústria desportiva correspondia a apenas 0,64% do PIB chinês (Lai Lin, 2021).

Nota-se, portanto, que os chineses colocaram um enorme desafio para este setor produtivo e de consumo. E para alcançar este ambicioso objetivo de transformar a sua indústria desportiva em uma das maiores do mundo, o governo lançou em 2015 o “Plano geral de reforma para impulsionar o desenvolvimento do futebol na China” (中国足球改革发展总体方案), preâmbulo do documento principal, que viria a ser publicado em abril de 2016: o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016—2050年]), doravante o ‘Plano do Futebol’. É importante destacar, ainda, que o Plano do Futebol tem aspetos que vão além de suas metas desportivas ou do mercado desportivo, há elementos da diplomacia do desporto e de como isto serve à disputa hegemônica pelo consenso através do convencimento e da persuasão, bem como se torna instrumento a serviço das relações externas chinesas (Leite Junior, 2022; Leite Junior et al., 2019; Leite Junior & Rodrigues, 2020, 2021).

Como argumentamos anteriormente (Leite Junior & Rodrigues, 2019), um dos grandes desafios que os chineses enfrentam é a necessidade de inovar, criando ou estimulando a criação e o fortalecimento de alguns hábitos culturais. Antes de mais nada, o básico e fundamental de tudo: é necessário se estabelecer o hábito da prática do futebol como algo quotidiano entre sua população, em especial a parcela jovem, para que surjam novos talentos neste desporto. Segundo, o essen-

cial fomento do hábito do consumo do futebol, que também passa pela prática em si, mas vai além e envolve a compra de produtos de clubes, de materiais desportivos, do fortalecimento do mercado futebolístico, como por exemplo o hábito de acompanhar clubes nacionais e as competições internas, além do hábito de consumir a produção da indústria cultural-desportiva dos clubes europeus e as suas competições nacionais e o seu megaevento continental, a Liga dos Campeões da Europa. Foi por essa razão, inclusive, que consideramos o Plano do Futebol inovador, no sentido de que o “projetamento” da economia e sociedade chinesas (Jabbour et al., 2021, p. 5), neste caso específico, coloca-se como o indutor da destruição criativa e fomenta a inovação social (Leite Junior & Rodrigues, 2019).

Quando falamos sobre uma política pública, precisamos ter sempre em consideração que a sua formulação, via de regra, inicia-se a partir da identificação de um problema ou de alguns problemas públicos (Parsons, 2007). Problemas, neste contexto, representam a discrepância entre a realidade e aquilo que se entende como uma possibilidade ideal, ou seja, o problema público é a diferença entre o que é a realidade concreta e aquilo que se deseja que fosse a realidade (Secchi, 2013). No caso específico do futebol chinês, além dos problemas apresentados nos dois primeiros parágrafos (a necessidade de desenvolvimento da indústria desportiva chinesa e a inovação social que visa a criação de hábitos culturais), há ainda outro problema de profundo impacto quando se fala particularmente do futebol de homens: a falta de qualidade competitiva dos futebolistas chineses a nível internacional. E isto tem como consequência direta na incapacidade da seleção masculina da China de ir longe na Copa da Ásia e, principalmente, de sequer conseguir se qualificar para o Campeonato do Mundo FIFA¹.

Como veremos na seção seguinte, o Plano do Futebol é de médio e longo prazo e a sua meta final é estabelecida para 2050. Portanto, as autoridades chinesas têm plena consciência do longo caminho que têm pela frente. Contudo, o sucesso desportivo da seleção nacional masculina é visto como um fator estimulante para que o Plano do Futebol seja implementado com sucesso. Por essa razão, visando à qualificação para o Campeonato do Mundo FIFA 2022, no Catar, a Associação Chinesa de Futebol (ACF) resolveu adotar no chamado ciclo entre Mundiais (2018-2022) a naturalização de futebolistas, visando ao fortalecimento da equipa nacional, com o intuito de finalmente voltar a estar no maior torneio

¹ A única vez que os chineses estiveram no Mundial masculino foi em 2002, disputado nos vizinhos Japão e Coreia do Sul. A seleção chinesa perdeu seus três jogos e não marcou um único golo.

de futebol do planeta. Neste artigo, vamos analisar o processo que culminou na naturalização de jogadores, bem como a repercussão que causou na China e seus impactos sobre a implementação do Plano do Futebol.

O Plano do Futebol

Como já tivemos a oportunidade de explicar antes, as autoridades chinesas querem que o país se consolide como uma poderosa nação desportiva. Considerando o sucesso das estratégias olímpicas e paralímpicas do país, o que se entende por “nação desportiva poderosa” tem dois significados imediatos: o sucesso em desportos de grande popularidade internacional, como o futebol (Leite Junior & Rodrigues, 2017), e a indústria desportiva chinesa atingindo o patamar de maior mercado no setor no mundo. Em 2015, ano anterior ao lançamento do Plano de Futebol, a indústria desportiva representava 0,8% do PIB e em 2016 foi estabelecida a meta de curto prazo de atingir US\$ 460 bilhões até 2021. Meta alcançada dois anos antes, em 2019, segundo o Bureau Nacional de Estatísticas (Xinhua, 2021). Em 2021 o setor atingiu 1,14% do PIB. Segundo uma estimativa, em 2020 representaria 1,2% (Lai Lin, 2021). Não à toa, o Plano de Futebol é uma política pública tutelada pelo Gabinete do Conselho de Estado da Conferência Conjunta Interministerial de Reforma e Desenvolvimento do Futebol, criada exclusivamente para a sua execução. Órgão que reúne, entre outros, 11 ministérios, comissões do Conselho de Estado, órgãos do governo local e regional e o Departamento de Publicidade do Comitê Central do Partido Comunista da China. As várias autoridades especificamente referenciadas no Plano de Futebol são:

Tabela 1 – Autoridades chinesas com responsabilidades de acordo com o Plano de Futebol

Instituição estatal chinesa	Nível organizacional
Gabinete do Conselho de Estado da Conferência Conjunta Interministerial de Reforma e Desenvolvimento do Futebol (足改部际联席会议办公室)	Gabinete do Conselho de Estado
Comissão Reguladora de Seguros da China (保监会)	Comissão do Conselho de Estado
Comissão de Regulação de Valores Mobiliários da China (证监会)	Comissão do Conselho de Estado
Comissão Nacional de Saúde e Planeamento Familiar (卫生计生委)	Comissão do Conselho de Estado
Comissão Nacional de Reforma e Desenvolvimento (国家发展改革委)	Comissão do Conselho de Estado

Instituição estatal chinesa	Nível organizacional
Ministério dos Assuntos Cívicos (民政部)	Ministério
Ministério do Comércio (商务部)	Ministério
Ministério da Cultura e Turismo (文化和旅游部)	Ministério
Ministério da Educação (教育部)	Ministério
Ministério das Finanças (财政部)	Ministério
Ministério das Relações Exteriores (外交部)	Ministério
Ministério de Habitação e Desenvolvimento Urbano-Rural (住房和城乡建设部)	Ministério
Ministério dos Recursos Humanos e da Segurança Social (人力资源和社会保障部)	Ministério
Ministério da Indústria e Tecnologia da Informação (工业和信息化部)	Ministério
Ministério dos Recursos Naturais (自然资源部)	Ministério
Ministério da Segurança Pública (公安部)	Ministério
Administração Estatal da Indústria e Comércio (国家工商行政管理总局)	Agência Governamental
Administração Nacional de Rádio e Televisão (国家广播电视总局)	Agência Governamental
Administração Tributária do Estado (国家税务总局)	Agência Governamental
Administração Geral do Desporto do Estado (国家体育总局)	Agência Governamental
Banco Popular da China (人民银行)	Banco Central
Governos locais e provinciais (各级政府)	Governo Local/Provincial
Departamento de Propaganda do Partido Comunista da China (中央宣传部)	Partido Comunista
Supremo Tribunal Popular da China (最高人民法院)	Judiciário
Procuradoria Suprema Popular (最高人民检察院)	Judiciário

Fonte: Sullivan et al., 2019; atualizado pelos autores.

Em linhas gerais, o Plano, originalmente, estabelecia-se em três etapas:

- (i) Até 2020: 20 mil escolas especializadas em futebol, 70 mil campos de futebol, entre 30 a 50 milhões de estudantes do ensino básico e secundário praticando o desporto;

- (ii) Até 2030: 50 mil escolas especializadas em futebol², a seleção chinesa masculina ser uma das melhores da Ásia, e a seleção feminina estabelecida como de “classe mundial”;
- (iii) Até 2050: seleção de primeiro escalão no futebol mundial (masculino), no top-20 do ranking da FIFA, tendo sediado um Campeonato do Mundo FIFA e sendo uma potência mundial do futebol.

Achamos difícil quantificar até que ponto os objetivos do Plano de Futebol foram alcançados. De acordo com as estatísticas oficiais fornecidas por Wang Dengfeng, ex-chefe do departamento de educação física, saúde e artes do Ministério da Educação da China e alto funcionário encarregado de promover o futebol, 30.000 escolas projetadas especificamente para o futebol serão estabelecidas até 2020, e 30 milhões de estudantes terão jogado ou participado de futebol pelo menos uma vez por semana, bem como em treinos e jogos, e 60.000 campos de futebol novos ou reformados serão construídos. A questão é que os números fornecidos por Wang são bastante contestados, segundo colegas chineses com quem conversamos sobre o desenvolvimento e execução do Plano de Futebol. Até mesmo vários desses colegas questionaram a veracidade e confiabilidade dos dados de Wang. Na verdade, pelo menos um desses colegas acha que o futebol chinês não é tão popular quanto essas estatísticas fazem acreditar.

Como se pode perceber, a formulação e implementação deste audacioso plano de médio e longo prazo envolve um processo complexo, com diferentes etapas e a participação de diversos setores da sociedade chinesa, não se restringindo ao governo, incluindo-se a participação da sociedade civil e a iniciativa privada. Por essa razão, entendemos que o Plano do Futebol é um bom instrumento de análise de como funcionam as políticas públicas chinesas e o quão complexo é a sua formação económico-social. Olhar para o Plano do Futebol e a sua execução é uma forma interessante para compreendermos como opera o Estado chinês – do governo central aos governos provinciais e municipais – bem como a interação entre Estado e mercado no chamado socialismo de mercado. Assim como em todos os setores da economia do país, na implementação do Plano do Futebol percebemos como a centralidade do poder político e económico está nas mãos do Estado, que cria os meios necessários para que a iniciativa privada execute as

² Em 2017, o Diário do Povo (人民日报) informou que as autoridades desportivas chinesas anteciparam para 2025 a meta de haver 50 mil escolas de futebol (People's Daily, 2017).

diretrizes traçadas na planificação e contribua para o desenvolvimento do mercado e da indústria do respetivo setor económico, neste caso, a indústria do futebol.

O carácter inovador do Plano do Futebol

Como vimos acima, o Plano do Futebol é um bom estudo de caso para analisar e entender melhor como as políticas públicas são formuladas, executadas e avaliadas sob o socialismo com características chinesas. Em outras palavras, o Plano de Futebol nos permite tanto visualizar o ciclo do processo de políticas públicas quanto entender como funciona a formação económico-social que está surgindo na China através de seu socialismo. O desenvolvimento económico da China nas últimas décadas evoluiu como também evoluiu a construção do socialismo com características chinesas, chegando ao estágio atual em que seu sistema político e económico, ou seja, sua formação social se baseia em um Estado como indutor da destruição criativa, e fomentadora da inovação económica, tecnológica e social. Como também já foi dito, a China pretende tornar sua indústria desportiva a maior do mundo até 2035 e uma das principais indústrias da economia chinesa, representando uma participação de 5% no seu PIB. Para que isso aconteça, é preciso, por um lado, romper com velhos hábitos de consumo, criando ao mesmo tempo novos produtos, incluindo novos modelos de negócios, de modo a criar possibilidades de abertura de novos campos de acumulação na economia. Por outro lado, também é preciso criar o hábito de jogar futebol (aqui entendido a prática em larga escala na população), desenvolver novos talentos, mas também estimular novos consumidores e movimentar essa economia. Por isso, neste artigo, discutiremos como é possível perceber o papel do Estado chinês no fomento à destruição criativa (Schumpeter, 2003) e inovação social (Drucker, 2011).

O processo pelo qual a inovação rompe o *status quo*, permitindo o desenvolvimento de participações de mercado para empresas que oferecem novos produtos e métodos e a diminuição das participações de mercado para aquelas que resistem à mudança, foi referido por Joseph Schumpeter como “destruição criativa” (Schumpeter, 2003, p. 83). Dessa forma, segundo Mariana Mazzucato, a destruição criativa é a grande responsável pelo dinamismo das indústrias e pelo crescimento económico de longo prazo (Mazzucato, 2018, p. 64). Mas pode um Estado ser empreendedor e responsável pela destruição criativa? Segundo Mariana Mazzucato e Leonardo Burlamaqui, pode sim, por isso ambos falam sobre Estado Empreendedor (Burlamaqui, 2015, p. 732; Mazzucato, 2018, p. 64).

No caso específico chinês, Burlamaqui considera que o papel crucial do estado na direção e na regulação dos processos de desenvolvimento (ao invés de “livres mercados”), o papel central do investimento estatal configuram a China como um estado empreendedor (Burlamaqui, 2015, p. 730). O controle do Estado sobre os meios de produção, investimento e finanças faz com que o setor privado dependa dos efeitos em cadeia produzidos pelos grandes conglomerados empresariais estatais. Para Jabbour et al., trata-se de uma nova formação económico-social, na qual o estado opera a destruição criativa planificada no que eles chamam de “Nova Economia do Projeto” (Jabbour et al., 2020).

O Plano do Futebol nos parece reunir elementos suficientes para ilustrar a destruição criativa planificada do socialismo com características chinesas. Temos um Estado com autoridade central, que planeia o desenvolvimento da indústria desportiva do país e, para isso, apresenta um projeto de desenvolvimento daquela atividade desportiva identificada como motor desse progresso, o futebol. O projeto do futebol chinês tem o Estado como indutor da inovação neste mercado, deixando parte das ações para a iniciativa privada, mas fiscalizada pelo Estado, além de parte das ações que estão sob responsabilidades diretas do Estado, nomeadamente nas políticas públicas.

Peter Drucker nos ensinou que “inovação não é um termo técnico”, mas sim “um termo económico e social” e, além disso, “seu critério não é ciência ou tecnologia, mas uma mudança no ambiente económico ou social, uma mudança no comportamento das pessoas como consumidores ou produtores” (Drucker, 2011, p. 148). Schumpeter, por seu turno, argumenta que “o produtor via de regra inicia a mudança económica, e os consumidores são educados por ele se necessário; eles são, por assim dizer, ensinados a querer coisas novas, ou coisas que diferem em algum aspeto ou outro daqueles que eles têm o hábito de usar” (Schumpeter, 1982, p. 65).

O Plano do Futebol nos permite observar precisamente o Estado chinês assumindo o papel do “produtor”, estabelecendo metas cujo cumprimento requer a adoção de novas práticas. Os “consumidores” (os cidadãos chineses) podem ser educados, de forma a se adaptarem aos desafios do Plano do Futebol em dois dos seus principais objetivos: promover uma maior participação popular no futebol e aumentar o consumo de produtos relacionados ao futebol. O obstáculo de enraizar o hábito de praticar futebol leva algum tempo. Mas, mais do que isso, a formação de novos talentos futebolísticos é algo que precisa de pelo menos duas gerações. Em que pese o Plano do Futebol seja de médio e longo prazo, a

verdade é que a própria implementação do Plano precisa de resultados de curto prazo. E isso passa pelo sucesso da seleção chinesa masculina. Como resolver esse problema imediato? Visando ao Mundial 2022 no Catar, os chineses procuraram um atalho: a naturalização de jogadores.

A naturalização de futebolistas

O primeiro jogador naturalizado para jogar pela China, Li Ke, anteriormente conhecido como Nico Yennaris, fez a sua estreia pela seleção masculina de futebol chinesa em junho de 2019. Três meses depois, em 11 de setembro de 2019, Ai Kesen, anteriormente conhecido como Elkeson, tornou-se no primeiro jogador naturalizado sem ascendência chinesa a jogar pela seleção do país durante uma partida da Qualificação para o Campeonato do Mundo FIFA 2022 contra as Maldivas. Mais do que isso, Ai Kesen tornou-se no primeiro jogador naturalizado a marcar um golo pela seleção masculina de futebol da China, ao apontar dois dos cinco golos no triunfo por 5-0. Em maio e junho de 2021, os chineses fizeram quatro jogos pela Qualificação Asiática para o Mundial 2022 e na equipa, que venceu todos os confrontos, estiveram cinco futebolistas naturalizados. Embora a troca de nacionalidade seja algo comum nos desportos internacionais, trata-se de algo pouco comum no futebol chinês. Tão incomum que a repercussão dos cinco futebolistas naturalizados foi além das fronteiras da China, sendo alvo de discussão na comunicação social desportiva em diversos lugares do mundo.

A naturalização de futebolistas é algo tão corriqueiro que três dos últimos quatro campeões mundiais de futebol masculino tiveram jogadores naturalizados em suas equipas. A Itália em 2006 teve Camoranesi (Argentina); a Alemanha em 2014 teve Klose e Podolski, ambos originários da Polónia; enquanto a França em 2018 teve Mandada (RD Congo) e Umtiti (Camarões). Na Copa do Mundo FIFA de 2018, realizada na Rússia, foram 82 jogadores naturalizados em 22 seleções. Em 2022, aliás, o número de jogadores nascidos fora do país que representaram alguma seleção no Mundial aumentou para 132, ou 16,5% do total. Das quatro seleções que chegaram às meias-finais, apenas a Argentina tinha todos os seus atletas nascidos no seu país, a França tinha três e a Croácia sete futebolistas nascidos fora³. Jogando em casa, o Catar teve 10 naturalizados. Os Cataris, por sinal, foram campeões asiáticos em 2019 com 17, de um total de 23, futebolistas nas-

³ Este artigo foi concluído antes dos confrontos das meias-finais, Argentina x Croácia e França x Marrocos.

cidos fora do país. Outra seleção campeã asiática com jogador naturalizado foi o Japão, em 1992, que tinha como referência o brasileiro Ruy Ramos. Na seleção chinesa, contudo, e como já foi dito, tratou-se de uma novidade. O que causou reações dentro e fora da China.

Vale ressaltar que embora cada país tenha soberania para definir suas regras de aquisição de nacionalidade e naturalização, a FIFA, como entidade máxima do futebol, é que determina as normas que regulamentam a admissibilidade de um jogador naturalizado poder atuar por uma seleção nacional que não seja a do seu país de nascimento ou de primeira nacionalidade. O documento que regulamenta a elegibilidade de atletas, alterado pela última vez durante o 70º Congresso da FIFA, realizado em setembro de 2020, determina em seu artigo 7º que um futebolista que assuma uma nova nacionalidade só poderá jogar pela nova Associação de Futebol nacional se: a) nasceu no território nacional da associação; b) seu pai ou mãe biológicos nasceram no território da associação; c) seu avô ou avó nasceu no território da associação; d) tenha morado no território da associação nacional que pretende representar. Esta última alínea ainda prevê outras três regras: i) para jogadores que começaram a viver no território antes dos 10 anos, pelo menos três anos; ii) para atletas que passaram a viver naquele território entre os 10 e 18 anos, ao menos cinco anos; futebolistas que se mudaram para aquele território depois dos 18 anos, pelo menos cinco anos.

Mas, é o que está regulamentado no artigo 9º que gera mais controvérsias: futebolistas que já atuaram por uma seleção nacional e depois pretendem atuar pela equipa de outra associação nacional. E foi este o artigo alvo de disputas na altura do 70º Congresso da FIFA. Segundo as mudanças estabelecidas em 2020, primeiro, o jogador só pode trocar de seleção uma vez. Segundo, na regra anterior, um único jogo oficial já inviabilizava a troca. Agora, os critérios são mais flexíveis: até três jogos oficiais (excluindo Campeonato do Mundo ou torneios continentais, como a UEFA Euro ou a Copa América), desde que o jogador em questão tenha disputado antes dos 21 anos, ou se o atleta atuou apenas em amigáveis, seja qual for sua idade. O atleta precisa ter a nacionalidade da segunda seleção escolhida à época em que jogou pela primeira. Três anos devem ter se passado desde a data do jogo em que o jogador disputou para que ele seja elegível a mudar de seleção. Não há exigência de tempo para partidas amigáveis.

A naturalização na China

Em 2015, Wan Anopei, membro da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, defendeu que a lei de nacionalidade da China devia ser alterada para permitir a dupla cidadania, a fim de aumentar o número de jogadores nascidos fora da China disponíveis para a seleção nacional. Na época, Wan citou o caso japonês como exemplo⁴. Wan acreditava que afrouxar as rígidas leis de naturalização para jogadores de futebol ajudaria, no curto prazo, a seleção nacional a diminuir a diferença de competitividade com seus rivais asiáticos e, assim, fortalecer a equipa na luta pela classificação para o Campeonato do Mundo.

O sucesso do Guangzhou Evergrande (atual Guangzhou FC), que dominou o futebol chinês entre 2011 e 2019 e conquistou as duas primeiras Ligas dos Campeões da Ásia para a China (em 2013 e 2015) com uma combinação de talento nacional mais talento estrangeiro, serviu de inspiração para que a ACF iniciasse um programa de naturalização de jogadores. Assim, além do Plano de Futebol, a ACF escolheu três clubes (Beijing Guoan, Guangzhou FC e Shandong Taishan) como modelos experimentais para este programa. Em que exatamente consistia a ideia? Por um lado, a ACF vasculhou o mundo em busca de jogadores talentosos com ascendência chinesa no exterior a pedido do governo⁵. Por outro lado, esses clubes selecionados pelo órgão máximo do futebol do país deveriam importar jogadores estrangeiros de alto nível e depois naturalizá-los. Desde 2015, vários documentos oficiais do futebol chinês confirmaram que o país promoveria ativamente a naturalização de jogadores estrangeiros.

Em termos legislativos, antes de tudo é preciso ter em consideração que a Lei de Nacionalidade da República Popular da China (中华人民共和国国籍法) em seu artigo 3º não reconhece a dupla nacionalidade. Isso é importante, porque na imensa maioria dos casos de futebolistas mundo afora, passam a ter dupla nacio-

⁴ Nelson foi o primeiro jogador de ascendência brasileira a jogar pela seleção masculina de futebol do Japão na década de 1970. Rui Ramos, também jogador brasileiro, decidiu jogar pela seleção japonesa nas décadas de 1980 e 1990. Ele desempenhou um papel crucial ao ajudar o Japão a vencer sua primeira Copa da Ásia em 1992 sob o nome de Ramos Ruwei.

⁵ Um processo que não é exclusivo dos chineses. A seleção de Marrocos, sensação do Campeonato do Mundo FIFA 2022, no Catar, desde 2012 desenvolve um trabalho de prospecção e persuasão de atletas descendentes de marroquinos que nasceram e atuam fora do país – <https://www.nytimes.com/2018/06/05/sports/world-cup-morocco.html>. Dos 26 jogadores marroquinos que chegaram às meias-finais do Mundial 2022, 14 nasceram fora de Marrocos e vários deles haviam atuado por seleções europeias nas camadas jovens, de diferentes categorias, antes de terem optado por atuar pela equipa nacional do país dos seus ascendentes.

nalidade. De acordo com art. 5º da referida lei, “tem a nacionalidade chinesa quem nasceu no estrangeiro, cujos pais sejam ambos de nacionalidade chinesa e um dos pais seja de nacionalidade chinesa. Mas não pode ter a nacionalidade chinesa quem (...) adquiriu a nacionalidade estrangeira à nascença”. O que isso significa? Que se um descendente chinês nascer em outro país e os seus pais o registarem como chinês, essa pessoa será chinesa, mas se os pais o registarem com a nacionalidade do local de nascimento, a pessoa não terá mais o direito de ser chinês. Nesse caso, mesmo que a pessoa seja filho ou filha de chinês, ela deverá passar pelo processo de naturalização como estrangeiro. No entanto, de acordo com o art. 7º, existem três condições para alguém solicitar a nacionalidade chinesa. A primeira diz respeito aos que são parentes próximos de cidadãos chineses (ou seja, descendentes, sendo esta a regra que beneficiou jogadores como Li Ke e Jiang Guangtai, por exemplo); a segunda, para pessoas que se estabeleceram na China; por fim, o terceiro, para pessoas que tenham outros motivos legítimos (e aqui estão atletas sem ascendência chinesa, como Ai Kesen e A Lan). Por fim, o art. 8º, reiterando o art. 3º, determina que caso a pessoa tenha seu processo de naturalização aprovado, deverá abrir mão da nacionalidade estrangeira.

Em 2019 a ACF publicou dois documentos fundamentais. As “Várias medidas para promover ainda mais a reforma e o desenvolvimento do futebol (进一步推进足球改革发展的若干措施)”, assente no reforço do nível competitivo da seleção nacional e das ligas profissionais, e na promoção do crescimento dos jogadores nacionais, afirma-se que deve efetuar ativa e continuamente a naturalização de jogadores estrangeiros e ser responsável pela orientação e supervisão. No entanto, nota-se que é necessário fortalecer a educação cultural chinesa para os jogadores naturalizados e cultivar o senso de identidade nacional. Mas, apesar desse incentivo à naturalização, as “Opiniões de Implementação Interina da Associação Chinesa de Futebol sobre Assistência a Jogadores Estrangeiros de Destaque na Solicitação de Naturalização (中国足球协会关于协助办理优秀外籍球员入籍申请工作的暂行实施意见)” determinam que todos os jogadores naturalizados devem jogar na Superliga Chinesa ou na *China League One* (segunda divisão chinesa). Replicando o que determina a Lei Nacional, reitera que o jogador deve renunciar à sua nacionalidade originária. Quanto à elegibilidade, considera-se descendente de chineses o jogador cujo pai ou mãe biológicos tenham nascido na China ou cujo avô ou avó biológicos tenham nascido na China. Para descendentes não chineses a regra é mais rígida: o jogador deve ter jogado por quatro temporadas consecutivas na Superliga Chinesa ou na Liga Um Chinesa; ou jogadores residi-

ram na China continental por mais de cinco anos, mais de 182 dias por ano (com base nos registos de entrada e saída do passaporte), além disso, o jogador deve ter 18 anos e menos de 26 anos para estar elegível.

Os jogadores naturalizados chineses

Desde que o programa piloto de naturalização de futebolistas teve início na China em 2015, apenas 11 atletas se naturalizaram. John Hou Sæter, nascido na Noruega, foi o pioneiro, naturalizando-se chinês em fevereiro de 2019 e adotando o nome chinês Hou Yongyong. Seu companheiro de Beijing Guoan, Nico Yennaris (Li Ke depois da naturalização) se tornou o primeiro jogador naturalizado a atuar pela seleção chinesa em julho de 2019, em um amigável frente às Filipinas. Depois deles, há muitos atletas não étnicos como Ai Kesen, De'erjiaduo, Luo Guofu, A Lan, etc., que jogaram na Superliga Chinesa por muitas temporadas e obtiveram sucessivamente a nacionalidade chinesa. Dos 11 naturalizados, seis foram convocados para a seleção nacional. Os jogadores são:

- Hou Yongyong (John Hou Sæter): Médio, originário da Noruega, naturalizado em 2019, elegível para jogar pela seleção chinesa, mas nunca foi convocado. Hou nasceu em Trondheim, filho de pai norueguês e mãe chinesa.
- Li Ke (Nico Yennaris): Médio defensivo, originário da Inglaterra, naturalizado em 2019, e já atuou pela seleção chinesa. Li nasceu em Leytonstone, filho de pai cipriota e mãe de origem chinesa.
- Ai Kesen (Elkeson): médio ofensivo e avançado, brasileiro, naturalizado em 2019, e já atuou pela seleção chinesa. Ai não tem ascendência chinesa; sua naturalização veio porque ele jogava na China desde 2013.
- Jiang Guangtai (Tyias Browning): Defesa central, originalmente da Inglaterra, naturalizado em 2019, e já jogou pela seleção chinesa. Jiang nasceu em Liverpool, filho de mãe de origem chinesa.
- Luo Guofu (Aloísio dos Santos Gonçalves): Avançado, brasileiro, naturalizado em 2019, e já atuou pela seleção chinesa. Luo não tem ascendência chinesa; sua naturalização veio porque jogava na China desde 2014.
- A Lan (Alan Carvalho): Avançado, brasileiro, naturalizado em 2019, e já atuou pela seleção chinesa. A Lan não tem ascendência chinesa; sua naturalização veio porque jogava na China desde 2015.

- Qian Jiegei (Alexander N'Doumbou): Médio, natural do Gabão, naturalizado em 2019, ainda não pode jogar pela seleção chinesa. Qian nasceu em Port-Gentil, filho de pai gabonês e mãe chinesa.
- De'erjiaduo (Pedro Delgado): Médio, natural de Portugal, naturalizado em 2019, elegível para a seleção chinesa, mas nunca convocado. De'erjiaduo não tem ascendência chinesa.
- Gao Late (Ricardo Goulart): médio ofensivo, brasileiro, naturalizado em 2019. Goulart não tem ascendência chinesa e se naturalizou porque jogava na China desde 2015. O jogador, porém, nunca foi convocado para a seleção chinesa e no final de 2021 renunciou à nacionalidade chinesa.
- Fei Nanduo (Fernandinho): Extremo, brasileiro, naturalizado em 2020, já foi convocado embora nunca tenha atuado pela seleção chinesa. Fei Nanduo não tem ascendência chinesa; sua naturalização veio porque jogava na China desde 2015.
- Xiao Taotao (Roberto Siucho): Avançado e extremo, natural do Peru, naturalizado em 2020, pode jogar pela seleção chinesa, mas nunca foi convocado. Xiao nasceu em Lima, filho de pai de origem chinesa.

As reações às naturalizações

Embora seja algo comum, afinal, como vimos, três dos últimos quatro campeonatos mundiais tinham jogadores naturalizados, duas das quatro seleções apuradas para as meias-finais do Mundial 2022 também tinham futebolistas naturalizados, a naturalização de jogadores de futebol ainda gera bastante contestação em diversos lugares no mundo. Portanto, a objeção a esse processo e a polêmica que ele causa não é exclusivo da China. Mesmo em países onde a naturalização de futebolistas já é algo corriqueiro, como em Portugal, sempre que há a estreia de um novo naturalizado na lista de convocação da seleção portuguesa, gera-se discórdia e discussão. Até atletas consagrados no futebol mundial como os brasileiros Pepe e Deco, por exemplo, foram alvos de críticas muito duras, até mesmo por parte de outros futebolistas, quando se estrearam pela seleção das quinas. em 2019, outro brasileiro, Dyego Sousa, foi mais uma vítima de comentários severos, alguns até xenofóbicos por parte de um famoso comentarista televisivo que disse que a Federação Portuguesa de Futebol deveria cuidar dos jogadores portugueses, aqueles que ele denominou “bacteriologicamente puros”, seja lá o que isso signifique. O mais recente caso envolveu também um brasileiro. Quando foi

chamado por Fernando Santos para a seleção portuguesa em setembro de 2021, o médio do FC Porto Otávio foi alvo de ataques xenofóbicos nas redes sociais.

Como já demonstramos anteriormente, o desporto teve um papel significativo no desenvolvimento da identidade nacional na China moderna, notadamente na República Popular da China (Leite Junior, 2022). O estado-nação chinês contemporâneo desenvolveu-se durante a era da República da China. O desenvolvimento da consciência nacional entre as pessoas e o surgimento de uma Nova República na China foram ambos facilitados pelo desporto durante esta fase (Hwang & Chang, 2008). Os desportos têm desempenhado um papel crescente na influência do nacionalismo desde a era de Mao Zedong⁶. O nacionalismo desportivo, que está se tornando uma ideologia central na China, foi exibido como uma forma única de superar a subordinação, tanto física quanto figurativamente, como reação da China ao bloqueio do Ocidente (Hong & Zhouxian, 2012). Então, como o nacionalismo chinês tem suas características históricas, e o desporto e o nacionalismo chineses estão intimamente relacionados, obviamente, a naturalização de jogadores gerou críticas de ex-atletas, técnicos e jornalistas, principalmente pela preocupação com a identidade da seleção e pelo temor de que a utilização de pessoas naturalizadas possa dificultar o desenvolvimento de jovens talentos. Um deles, por exemplo, foi Xu Jiren, executivo da ACF e editor de desportos da Xinhua, que expressou preocupação sobre como os atalhos afetariam o crescimento de longo prazo dos talentos chineses (Sullivan et al., 2022).

Yang Chen, ex-astro da seleção da China e do Eintracht Frankfurt, da Alemanha, que atualmente é o treinador da seleção chinesa sub-16, foi outra figura do futebol chinês a expressar seu desgosto com a situação. Ele começou a explicar: “Falando pessoalmente, é muito difícil para mim aceitar a naturalização”. E esclareceu o motivo:

Para mim, sempre acredito que o futebol chinês deve ser jogado e desenvolvido pelos chineses. Se pudermos nos esforçar mais para melhorar o treinamento de nossos jovens, não precisamos fazer essa escolha. Mas é

⁶ O próprio Mao Zedong, cerca de 30 anos antes da revolução de 1949, escreveu um ensaio intitulado “Um estudo da cultura física” (体育之研究), no qual elogiava a educação física como necessária para neutralizar algo que ele diagnosticou da seguinte forma: “Nossa nação é que-rendo em força. [...] A condição física da população deteriora-se diariamente [...]. Se nossos corpos não forem fortes, ficaremos com medo assim que virmos os soldados inimigos, e então como podemos atingir nossos objetivos e nos fazer respeitar?” (Mao, 1917).

claro que nossa formação de jovens não é suficiente, então esperamos que a naturalização possa ser uma solução⁷.

No entanto, o presidente da ACF, Chen Xuyuan, afirmou que esta mudança, que foi implementada para ajudar a seleção chinesa a se qualificar para o Campeonato do Mundo da FIFA no Catar, é apenas temporária. Em uma entrevista em 2020, Chen, que se opôs à naturalização quando era presidente do Shanghai SIPG, foi bastante inflexível:

Do fundo do meu coração, espero que seja apenas um pequeno episódio de uma fase, que se deixe passar. Esse processo [de naturalização] não vai virar norma, não vai virar tema, não vai ser como alguns torcedores nossos disseram que os 11 jogadores do nosso país serão todos naturalizados, o que é absolutamente impossível⁸.

Chen revisitou o assunto em 2021 e reiterou que a naturalização não é um caminho importante para o futebol chinês. “O desenvolvimento do futebol chinês depende de nossos esforços. Não podemos contar com jogadores naturalizados. A naturalização é um complemento, não uma via principal”, assegurou⁹.

E o que os fãs de futebol chineses pensam? Em questionário elaborado por Sullivan et al., que teve mais de 1000 respostas, 876 foram consideradas válidas, segundo os critérios dos pesquisadores (Sullivan et al., 2022, p. 7). Foi demonstrado que a maioria dos torcedores chineses é a favor de permitir que jogadores internacionais se tornem cidadãos e ingressem na seleção nacional. 90,2% dos entrevistados apoiaram a ideia de naturalizar jogadores de futebol com origem étnica chinesa, enquanto a maioria, embora em menor proporção, mas ainda significativa, apoiou a ideia de naturalizar jogadores de futebol sem ascendência chinesa: 64,3% (Sullivan et al., 2022, p. 8). Outra estatística curiosa é que pouco mais da metade dos entrevistados (51,6%) acredita que a China deveria ter jogadores naturalizados em suas seleções nacionais, uma vez que as seleções de outras nações já o fazem (p.8). Além disso, os jogadores naturalizados devem demonstrar que entendem a cultura chinesa (74,5%) e saberem falar mandarim

⁷ “Yang: Naturalization not a solution”, at China Daily: <https://www.chinadaily.com.cn/a/202101/15/WS60010299a31024ad0baa2db3.html>

⁸ <https://www.globaltimes.cn/content/1202851.shtml>

⁹ http://www.titan24.com/publish/app/data/2021/03/20/364200/os_news.html

(66%), segundo a maioria dos entrevistados, que classificou esses fatores acima de ter ascendência étnica chinesa (49,3%) ou ter nascido na China (38,3%). Isso demonstra que, para esses torcedores de futebol, o aspeto cultural de “ser chinês” é mais importante do que a etnia.

Conclusão

Como foi dito antes, a entrada de futebolistas nascidos fora da China, alguns sem qualquer ascendência chinesa, não foi um fato debatido apenas pelos chineses. Particularmente a convocação de cinco naturalizados, em maio de 2021, despertou a curiosidade de diversos veículos de comunicação social desportiva em diferentes países. Grosso modo, a abordagem Ocidental pode-se resumir em uma das questões que foi colocada pela prestigiosa revista francesa *So Foot* a um dos autores do presente artigo, Emanuel Leite Junior. “Quão profundamente isso pode ser um problema para o ‘propósito’ inicial de desenvolver o futebol na China?”, questionou o jornalista. Ou seja, o repórter estava mais preocupado em saber o “quão profundamente” esse acontecimento afetaria o Plano do Futebol, sem sequer questionar se é que teria qualquer impacto sobre a planificação do desenvolvimento chinês que, reiteramos, é de longo e médio prazo.

Entendemos que se as palavras do presidente da ACF, Chen Xuyuan, corresponderem ao que vai ser implementado nos próximos anos, não há razão para considerar a recente medida de adoção de futebolistas naturalizados um problema ameaçador ao Plano do Futebol. Isso porque, segundo a máxima autoridade do mais alto órgão do futebol chinês, tratou-se apenas de uma estratégia de curto prazo para ajudar a revitalizar o futebol chinês, fortalecendo sua seleção visando a alcançar maior competitividade internacional com o objetivo de qualificar a seleção masculina da China novamente para um Campeonato do Mundo. Algo cuja meta estava previamente estabelecida e cuja execução era de curto espaço de tempo.

Além disso, é importante ter em mente que o objetivo explícito do Plano do Futebol é desenvolver a indústria desportiva nacional da China de forma a permitir que ela atinja o mesmo patamar da indústria desportiva estadunidense em menos de cinco anos. Para atingir estes elevados objetivos, o projeto estabelece que a principal função do ACF é coordenar e supervisionar o crescimento de todo o futebol nacional. Não vemos como problema a naturalização de alguns futebolistas como estratégia de curto prazo, até porque a concretização dos grandiosos objetivos do Plano do Futebol se presume dependente de um profundo processo

de transformação económica e social e, conseqüentemente, reconhece a inovação na formação dos novos padrões comportamentais necessários.

Afinal, como já foi abordado neste artigo, a componente de inovação social do Plano do Futebol enfrenta um dos seus maiores obstáculos: o desenvolvimento de um novo hábito cultural. Como não existe uma cultura futebolística enraizada na China, a inovação social é necessária para incutir a prática e o consumo deste desporto. O governo chinês, quando criou esse plano, sabia que essa transformação leva, naturalmente, algum tempo, pois não é de uma geração para a outra que a população se adapta e as práticas se alteram ao ponto de em poucos anos surjam 26 talentosos futebolistas chineses aptos a jogarem pela seleção nacional. Portanto, para a China criar uma seleção nacional que seja competitiva no cenário internacional, levará mais de uma geração de jogadores de futebol – diríamos que algo como duas ou três gerações.

Por fim, à luz do parágrafo acima, também é crucial que a seleção masculina chinesa tenha um bom desempenho para aumentar a confiança dos torcedores do país. O objetivo de qualificar a equipa para o Campeonato do Mundo FIFA 2022 no Catar não se cumpriu. Mesmo com atletas naturalizados, a China foi incapaz de estar presente na grande competição internacional de futebol. Neste sentido, a medida adotada falhou. Afinal, como já dissemos, a única vez que a seleção masculina participou do Mundial foi em 2002. Já lá vão 20 anos. E um dos objetivos estratégicos do Plano do Futebol é recolocar a bandeira chinesa entre as bandeiras nacionais presentes no maior megaevento futebolístico do planeta. Para isso, portanto, é fundamental definir uma meta para a próxima edição, que acontecerá em 2026, nos EUA, no Canadá e México. Até porque as conquistas da seleção podem inspirar mais jovens chineses a jogar futebol e pode aumentar o interesse pelos produtos e consumo do desporto, o que ajudará na expansão dos negócios do futebol no país. Em 2026, a FIFA vai inaugurar a sua mais nova expansão da joia de sua coroa. Vão ser 48 seleções no Mundial, sendo oito vagas para as seleções asiáticas (e a possibilidade de mais uma, via *playoff*), antes eram quatro vagas diretas e uma em disputa através de *playoff*. Com praticamente o dobro de lugares disponíveis, pode ser que a China finalmente retorne. Com jogadores naturalizados? É algo a se observar neste ciclo que se inicia após o Catar 2022.

Referências bibliográficas

- Burlamaqui, L. (2015). Finance, development and the Chinese entrepreneurial state: A Schumpeter – Keynes – Minsky approach. *Brazilian Journal of Political Economy*, 35(4), 728–744.
- Drucker, P. F. (2011). *People and performance: the best of Peter Drucker on management*. London: Routledge.
- Hong, F., & Zhouxiang, L. (2012). Sport, Militarism and Diplomacy: Training Bodies for China (1960-1966). *International Journal of the History of Sport*, 29(1), 30–52.
- Hwang, D.-J., & Chang, L.-K. (2008). Sport, Maoism and the Beijing Olympics. *China Perspectives*, 1.
- Jabbour, E., Dantas, A., & Espíndola, C. (2021). China and Market Socialism: A New Socio-economic Formation. *International Critical Thought*, 11(1), 20–36. <https://doi.org/10.1080/21598282.2021.1886147>
- Jabbour, E., Dantas, A., Espíndola, C. J., & Vellozo, J. (2020). A (Nova) Economia do Projeto: o conceito e suas novas determinações na China de hoje. *Geosul*, 35(77), 17–48.
- Lai Lin, T. (2021). *GDP share of sports industry in China from 2012 to 2019 with an estimate for 2020*. <https://www.statista.com/statistics/1131145/china-gdp-share-of-sports-industry/>
- Leite Junior, E. (2022). Beyond the football fields: Chinese sports diplomacy. In C. Amado Mendes & D. Cardoso (Eds.), *Narratives and Perceptions: Chinese Soft Power in the 21st Century* (1st ed., pp. 35–60). Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau.
- Leite Junior, E., & Rodrigues, C. (2017). The Chinese football development plan: soft power and national identity. *HOLOS*, 5, 114–124. <https://doi.org/https://doi.org/10.15628/holos.2017.5750>
- Leite Junior, E., & Rodrigues, C. (2019). The Chinese plan for football development: a perspective from innovation theory. *Sport, Business and Management: An International Journal*, 9(1), 63–77. <https://doi.org/10.1108/SBM-10-2017-0067>
- Leite Junior, E., & Rodrigues, C. (2020). Belt, Road and Ball: football as a Chinese soft power and public diplomacy tool. In F. B. S. J. Leandro & P. A. B. Duarte (Eds.), *The Belt and Road Initiative: An Old Archetype of a New Development Model*. London: Palgrave Macmillan.
- Leite Junior, E., & Rodrigues, C. (2021). República Popular da China: diplomacia do desporto e o intercâmbio com Portugal através do futebol (中华人民共和国: 通过足球的体育外交与葡萄牙交换生). In C. Morais, Z. Guo, J. A. H. Rangel, A. M. Ferreira, M. F. Brasete, M. Ran, & R. L. Coimbra (Eds.), *Diálogos Interculturais Portugal-China 2, Vol. 1: Rotas e raízes de um diálogo distante* (pp. 375–395). Macau: Instituto Internacional de Macau | Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.
- Leite Junior, E., Rodrigues, C., & Leite, E. (2019). Chinese Soft Power And Public Diplomacy: Football As A Tool To Promote China-Brazil Relations. *Boletim Do Tempo Presente*, 8(3), 194–214.

- Liu, D. (2017). *The Sports Industry: the Next Big Thing in China?* Asia Dialogue. <http://theasiadialogue.com/2017/04/14/the-sports-industry-the-next-big-thing-in-china/>
- Mao, Z. (1917). *Comparative Elite Sport Development: systems, structures and public policy*. https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-6/msww6_01.htm
- Mazzucato, M. (2018). *The Entrepreneurial State: debunking public vs. private sector myths*. New York: PublicAffairs.
- Nielsen Sports. (2016). *China and Football*.
- Parsons, W. (2007). *Políticas públicas: una introducción o lo teoría y lo práctica del análisis de políticos públicas* (1st ed.). México: Flacso.
- People's Daily. (2017). *China to build 50,000 football schools by 2025*. People's Daily. <http://en.people.cn/n3/2017/0222/c90000-9181128.html>
- Plunkett Research. (2018). *Plunkett Research Sports Industry*. <https://www.plunkettresearch.com/statistics/Industry-Statistics-Sports-Industry-Statistic-and-Market-Size-Overview/>
- Schumpeter, J. A. (1982). *The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle (1912/1934)*. Transaction Publishers.
- Schumpeter, J. A. (2003). *Capitalism, Socialism and Democracy*. London: Routledge.
- Secchi, L. (2013). *Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos* (2nd ed.). Boston: Cengage Learning.
- Sullivan, J., Chadwick, S., & Gow, M. (2019). China's Football Dream: Sport, Citizenship, Symbolic Power, and Civic Spaces. *Journal of Sport and Social Issues*, 43(6), 493–514. <https://doi.org/10.1177/0193723519867588>
- Sullivan, J., Ross, T., & Wu, C. (2022). Representing the nation: exploring attitudes towards naturalized foreign football players in China. *Soccer & Society*. <https://doi.org/10.1080/14660970.2022.2069100>
- Xinhua. (2021). *Added value of China's sports industry totals 1.12 trln yuan in 2019*. People's Daily. <http://en.people.cn/n3/2021/0104/c90000-9805529.html>